

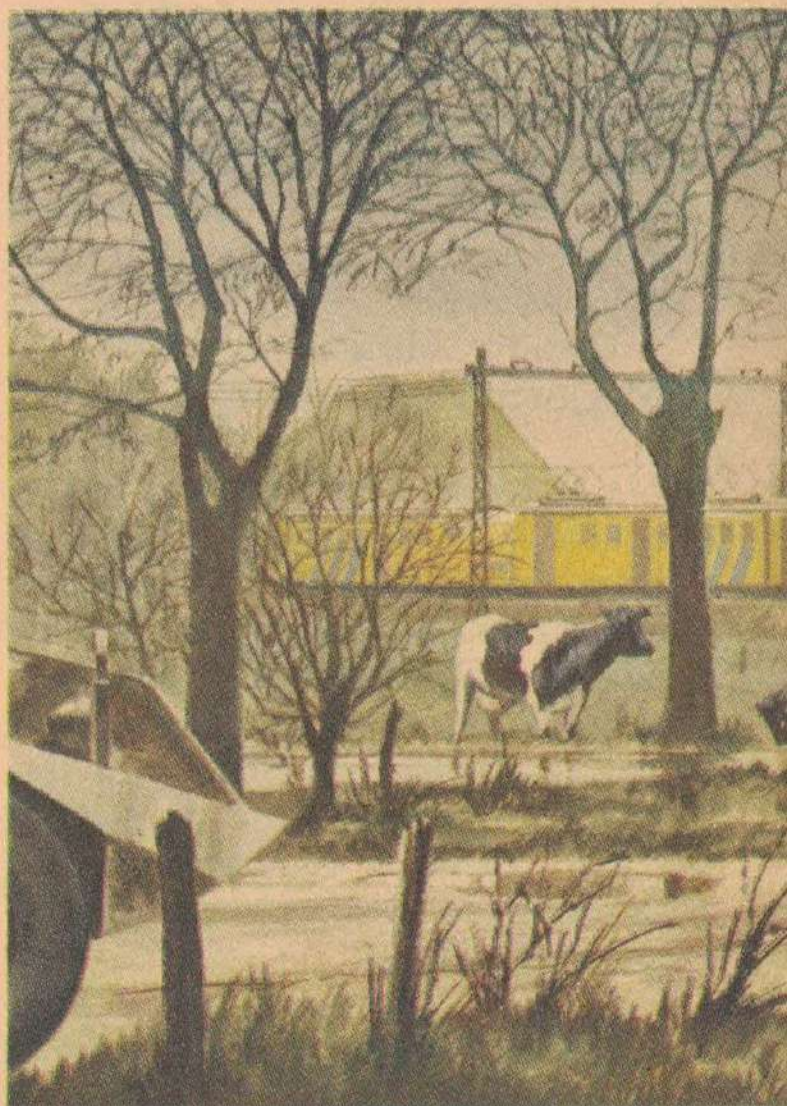
Terror no trem 734

OS SETE jovens de pele morena que aguardavam na plataforma da estação de Assen, no Norte da Holanda, esforçaram-se por meter sua volumosa bagagem no trem das 9:53 da manhã para Amsterdam. Explicaram ao cobrador que os volumes continham presentes para os amigos, mas, minutos depois, quando os dois vagões rodavam a grande velocidade para o Sul, subitamente os homens cobriram o rosto com capuzes e rasgaram o invólucro dos pacotes de onde retiraram um assustador arsenal de pistolas e metralhadoras portáteis. Um dos terroristas puxou o freio de emergência e o trem parou repentinamente, com um agudo ranger de metais. «Vocês são reféns!» gritou ele para os 37 espantados passageiros. Começou então, a 2 de dezembro de 1975, a estranha odisséia do Trem 734.

Os terroristas, naturais das Molucas do Sul, exigiam a independência para o seu distante arquipélago do Oceano Pacífico, um grupo de ilhas quase desconhecido que fora anexado pela Indonésia em 1949, após os territórios coloniais holandeses terem conseguido a independência. Quando a guerra

acabou, milhares de naturais dessas ilhas foram autorizados a fixarem-se na Holanda; agora, 26 anos depois, muitos deles, especialmente os jovens, ainda censuravam os holandeses pela sua condição de expatriados.

A primeira vítima dos bandidos morreu apenas alguns segundos



O trem seqüestrado ficou imóvel
na planície holandesa durante 13 longos dias, enquanto
os terroristas ditavam sentenças de morte

EDWARD HUGHES

após o início do seqüestro. O maquinista Hans Braam saiu correndo de sua cabina para saber o motivo por que fora acionado o freio de emergência. Vislumbrando os terroristas, escondeu-se na cabina, mas os molucanos arrombaram a porta e abateram-no com uma rajada de metralhadora.

Enquanto os passageiros assistiam sem nada poderem fazer, os terroristas obrigaram alguns seqüestrados a cobrir as janelas com jornais e fita colante. Eles obedeceram, ainda que se ouvissem protestos, enquanto um sombrio crepúsculo ia envolvendo o trem, provocando uma crescente sensa-



ção de isolamento. Embora não pudessem imaginar, os passageiros do Trem 734 iriam ficar retidos durante 13 dias naquela ilha de aço e vidro sobre rodas, isolada na planície, apenas se avistando algumas fazendas distantes e um pequeno bosque.

Inegociável. Pouco depois das 10:30 da manhã, a Sra. Zwaantje Etten, trabalhando na sua fazenda, reparou no trem imobilizado. Interessada, aproximou-se atravessando o prado, mas os passageiros por trás das janelas faziam-lhe frenéticos sinais para que se afastasse. Ela já estava quase entrando de novo em casa quando um dos bandidos a descobriu; cinco balas passaram a poucos centímetros de sua cabeça.

Enquanto isto, a delegacia de polícia de Assen havia recebido da central ferroviária holandesa um alerta de «trem desaparecido». Ao mesmo tempo que saía uma radiopatrulha, da estação mais próxima partia um trem que se aproximou até dez metros do n.º 734. Recebido com uma saraivada de tiros de armas automáticas, o maquinista inverteu rapidamente a marcha e afastou-se a toda a velocidade.

O governo holandês está habituado a seqüestros espetaculares. No verão de 1974, terroristas japoneses detiveram durante cinco dias como reféns o pessoal da embaixada francesa na Haia. Passado pouco tempo, na capela da penitenciária de Scheveningen, os pri-

sioneiros seqüestraram por 105 horas o capelão, um grupo de guardas e vários visitantes.

Com a experiência adquirida nesses casos, o Ministério da Justiça holandês delineara planos detalhados para enfrentar futuros casos de seqüestro. Às 11:15 da manhã do dia 2 de dezembro, funcionários superiores e tropas especiais foram transportados a toda a velocidade para Beilen, uma pequena cidade situada a 11 quilômetros do trem isolado.

Logo que eles chegaram, os gabinetes da prefeitura de Beilen foram rapidamente transformados em quartel-general de emergência. Ali permaneceriam durante a maior parte dos 13 dias seguintes os cinco funcionários encarregados da resolução de casos de emergência. Eles iriam trabalhar em estreita ligação com o Ministério da Justiça e teriam como colaboradores peritos em explosivos, médicos especialistas, psiquiatras e psicólogos. Sua estratégia se baseava em quatro pontos: não fazer qualquer espécie de acordo; nada oferecer aos terroristas, obrigá-los a pedir; ganhar tempo para provocar fadiga nos terroristas e dar oportunidade aos funcionários para organizar um plano; tentar estabelecer amizade entre bandidos e reféns.

Se bem que estas linhas gerais fossem claras, as táticas detalhadas eram difíceis de formular. Nessa altura, as autoridades de Beilen não estavam ainda certas quanto

aos verdadeiros objetivos dos terroristas. Tinham pedido um ônibus e um avião de passageiros, mas depois ameaçaram matar um valente sargento da polícia que se aproximara do trem num esforço para parlamentar.

Sentença de morte. Nessa primeira tarde e com o intuito de provarem o que significava para eles negociar, os bandidos começaram escolhendo uma vítima. «Há horas para viver e horas para morrer», entoou um dos terroristas recitando a Bíblia. «Chegou a hora de morrer.» Cobriram os rostos com capuzes e percorreram o corredor entre os assentos, parando por fim junto de Robert de Groot, agente de compra e venda de propriedades, que havia protestado quando o obrigaram a colar os jornais nas janelas. Conduzido para o vagão das bagagens, Groot recebeu ordem para ficar de pé à entrada de uma porta. «Posso rezar?» perguntou ele. Os terroristas afastaram-se por instantes. Depois, rodaram sobre os calcanhares e dispararam uma rajada sobre o seqüestrado. Inacreditavelmente, talvez devido ao nervosismo, todos os tiros falharam. Groot deixou-se tombar da porta e rolou para um fosso de drenagem, onde ficou imóvel, simulando estar morto. Os bandidos dispararam mais dois tiros ao acaso e regressaram para junto dos outros passageiros. Dez minutos depois, Groot saltou do dreno e correu para se pôr a salvo.

A vítima seguinte, Leo Bulter, de 22 anos, não teve tanta sorte. Obrigado a colocar-se de pé na entrada da porta da retaguarda do vagão da frente, o jovem soldado foi friamente abatido. Morreu instantaneamente e caiu de bruços sobre o cascalho junto ao trilho.

Os outros reféns, alguns chorando e gemendo, tentavam imaginar quem seria o próximo sacrificado. Começaram também a ser atormentados pelo frio. Poucos tinham agasalhos para enfrentarem a temperatura agreste, e os mais idosos sofriam já. O herói dos passageiros passou a ser Hans Prins, radiobiologista de 40 anos. Os molucanos autorizaram-no a movimentar-se livremente para aconselhar e encorajar os outros. Em breve, todo o mundo o chamava de «Doutor» Prins.

A maior preocupação dele era com o reverendo Pictje Barger e sua esposa, ambos de 80 anos. Eles pareciam em estado de choque. Sofrendo alucinações, o sacerdote aposentado levantou-se e começou a procurar sua mala de viagem. «Sente-se, avozinho», ordenou bruscamente um terrorista erguendo a arma. «Não», replicou Barger. «Temos de fazer baldeação aqui.» Correndo até junto dele, Prins acalmou o idoso sacerdote.

Leituras da Bíblia. Enquanto isso, os holandeses assistiam horrorizados ao drama arrepiante que lhes era mostrado pela televisão. Um verdadeiro anel de aço fora

colocado em volta do trem. Um cordão de policiais e fuzileiros fortemente armados formava um círculo de 800 metros de perímetro. Um outro grupo cercava a zona numa área de três quilômetros. Atiradores especiais, com rifles de precisão munidos de visores infravermelhos, ocultavam-se atrás das árvores ou nos fossos gelados, aguardando que por uma feliz coincidência pudessem disparar simultaneamente sobre os sete terroristas. Isso, porém, nunca aconteceu.

No posto de comando em Beilen a frustração crescia. Trinta horas tinham passado, já havia dois mortos e, no entanto, ainda não fora trocada uma única palavra com os assaltantes. Então, quase no fim do segundo dia, um dos bandidos acenou para permitir que um telefone de campanha fosse instalado no trem. Só então as autoridades puderam começar a lenta e paciente tentativa para ganhar o controle da situação.

Os terroristas, tal como fariam em quase todas as manhãs seguintes, apresentaram uma longa lista das necessidades dos ocupantes do trem, mas os oficiais do posto de comando reduziram-na aos artigos indispensáveis: alimentos, cobertores, remédios (pedidos pelo «Doutor» Prins), papel higiênico e água. Um dos objetivos da avareza das autoridades era forçar os assaltantes a pedir de novo, obrigando-os a assumir o papel de suplicantes; o outro era irritar os

reféns e levá-los a sentirem-se desprotegidos. Se bem que lhes custasse tratar mal seus compatriotas, os psicólogos do posto de comando sabiam por experiência que mesmo os grupos mais hostis, quando se encontram cercados juntos, podem se solidarizar na sua ira comum, que é transferida contra uma força externa – as autoridades. Os reféns, logo que essa camaradagem se estabeleça, deixam quase sempre de estar em perigo.

No trem, Prins preocupava-se com a Sra. Johanna Jansen, de 72 anos (conhecida entre os passageiros por Tia Jo), que estava sofrendo um forte ataque de bronquite asmática. Prins aplicou-lhe respiração artificial, enquanto os terroristas observavam impassíveis.

Nesse ínterim, um outro passageiro, Walter Timmer, foi autorizado a confortar espiritualmente os reféns com leituras da Bíblia. Se bem que os passageiros ficassem com o ânimo mais fortalecido quando escutaram a mensagem eterna da epístola de São Paulo aos Coríntios («Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três virtudes; mas a maior delas é a caridade»), a citação em nada acalmou a fúria crescente dos molucanos. As autoridades ainda não haviam dado resposta às novas exigências políticas dos seqüestradores: que lhes fosse permitido explicar sua situação na televisão; que a Holanda promettesse

pressionar a Indonésia para garantir alguma autonomia aos molucanos; que o assunto fosse levado às Nações Unidas.

Impacientes, os terroristas resolveram executar outro refém e mais uma vez os horríveis capuzes negros lhes cobriram os rostos. «Tia Jo, está pronta para morrer?» perguntou um dos bandidos. Quando a frágil e idosa senhora era conduzida para a frente do vagão, Prinz gritou: «Vocês não podem fazer isso. Não façam isso!» Aparentemente, aquelas palavras produziram efeito, pois passados dez minutos Tia Jo regressava, tremendo, à sua poltrona.

A suspensão da execução de uma vítima significava que outra seria escolhida. Paul Saimima, de 31 anos, que parecia ser o chefe dos terroristas, apontou para «o de óculos», Bert Bierling, de 31 anos, que no primeiro dia do seqüestro se manifestara contra os terroristas.

Os policiais, que observavam através de binóculos, retiveram a respiração quando o corpo de Bierling tombou do trem. A atenção das autoridades foi subitamente desviada pelas notícias de um segundo ataque terrorista. Outros sete naturais das Molucas do Sul tinham irrompido no consulado da Indonésia em Amsterdam e mantinham 45 reféns sob a mira de suas armas.

Mudança na situação. Com dois seqüestros simultâneos, a Holanda ficou sob grande tensão. No

trem, porém, esta diminuía. O assassinio de Bierling parecia ter provocado uma acalmia emocional nos molucanos, que falavam agora de forma mais branda e até amigável com os reféns. O próprio Saimima começara a sentir remorsos, chegando mesmo a perder o controle e a soluçar descontrolado no ombro de Prins.

Esta nova mudança de ambiente em breve se fez sentir no posto de comando. Os terroristas começaram a pedir as coisas em vez de exigi-las e permitiram que enfermeiros da Cruz Vermelha recolhessem os cadáveres que jaziam junto aos trilhos.

Ao anoitecer do dia 5 de dezembro, os próprios seqüestradores precisaram do auxílio da Cruz Vermelha. Para se distraírem, ficaram disparando e carregando de novo as armas. Inevitavelmente, o acidente aconteceu; uma bala bateu no teto e espalhou estilhaços de metal que atingiram diretamente um dos olhos de Saimima. Com o sangue escorrendo pelo rosto, foi retirado do trem e socorrido pelos enfermeiros.

Enquanto isso, Prins, infatigavelmente, prestava auxílio a um número cada vez maior de passageiros. Chegavam freqüentes remessas de remédios para satisfazer seus pedidos, incluindo tranqüilizantes para o casal Barger, que delirava imaginando-se em outro local. Quando, no sexto dia, os bandidos permitiram que o idoso casal abandonasse o trem, seguido

no décimo dia por outro casal de anciãos, aumentou a esperança de que a provação acabaria em breve.

O cerco, no entanto, continuava. No 11.º dia, a temperatura exterior baixou subitamente para 3 graus centígrados abaixo de zero. Mais de 150 cobertores tinham sido enviados para o trem, mas os médicos manifestavam sua inquietação, achando que mais um dia ou dois de frio intenso poderiam ser fatais para os passageiros mais fracos. Deveriam os fuzileiros abandonar as precauções e organizar um assalto de surpresa? Ainda não, decidiram os oficiais.

Na verdade, os passageiros suportavam de forma surpreendente as frígidas temperaturas que contrariamente iam minando o ânimo dos molucanos. Ao anoitecer do 12.º dia, um mediador comunicou ao posto de comando que os seqüestradores estavam indecisos. Na manhã seguinte, se bem que os terroristas mandassem o habitual pedido de alimentos e remédios, os passageiros sentiam que o fim daquele inferno se aproximava. Reunidos no outro lado do trem,

os molucanos tinham tomado finalmente uma decisão.

De súbito, abriu-se uma das portas do trem e os seis terroristas saíram. Quando foram cercados pela polícia, bradaram o que se tornara seu grito de guerra: «Mena! Muria!» («Liberdade! Pela nossa causa!»). Foram depois retirados do local.

O seqüestro terminara, mas o hábito de obediência se enraizara de tal modo nos reféns que estes continuaram sentados em seus lugares até que policiais e fuzileiros finalmente entraram no trem. «Por favor, podemos sair?» perguntou um passageiro estupefacto. «Claro que sim», respondeu-lhe um fuzileiro. «Você está livre.» Todos então se abraçaram chorando e rindo ao mesmo tempo.

Cinco dias após ter terminado a odisséia do Trem 734, o seqüestro de Amsterdam (no qual morreu um refém ao tentar libertar-se) também acabou com a rendição dos terroristas. Três meses depois, após um julgamento de três dias, os terroristas de Beilen foram condenados a 14 anos de prisão.



UM FLORISTA da Place du Tertre, em Paris, duplicou seu negócio idealizando o seguinte cartaz para a vitrina: MINHAS ROSAS ESTÃO TÃO BARATAS HOJE QUE ATÉ OS MARIDOS PODEM OFERECER ALGUMAS A SUAS ESPOSAS.

— H. G.

SIR Robert Menzies, ex-primeiro-ministro australiano, num almoço no Clube de Imprensa, em Washington, disse uma vez o seguinte: «A Austrália é uma nação muito progressista. Aliás, precisamente neste momento, lá no meu país já é amanhã.»